

APRESENTAÇÃO

Felipe Moura Fernandes
Professor Adjunto do DGeo/FFP/UERJ

"O espelho da dependência ou a dependência do espelho?" Há quem vá dizer que é um mero jogo de palavras, mas entendemos que não, no jogo sempre há algo além. E para ir além, nada melhor do que perguntar: O que está em jogo quando jogamos? No possível jogo, aqui proposto, o além depende da posição do *leitor* frente ao *texto*. Então, vamos a nossa posição. A primeira parte da questão pode evocar as causas econômicas e a posição do Brasil no cenário internacional em sua história econômica e política. A segunda parte pode desdobrar nas causas mais pessoais e narcísicas ligadas a nossa necessidade de olhar no espelho e gostar do que vê ou de precisar de aprovação alheia - seja ela dê uma outra pessoa ou de um outro país.

Em quais *encruzilhadas* as questões *políticas e econômicas* encontram a nossa dimensão mais *subjetiva*? O escritor Lima Barreto (1881-1922) nos fornece um *cruzamento* quando desenvolve em sua obra a ideia de *bovarismo*, uma referência direta ao famoso livro de Gustave Flaubert (1821-1880) cujo título é *Madame Bovary*. Em linhas gerais, o *bovarismo* seria a nossa incapacidade de nós ver a partir da realidade pessoal, social, econômica e cultural a qual estamos inseridos. No contexto de Lima Barreto era evidente a sua revolta com as classes medias e altas que afrancesaram a cidade do Rio de Janeiro - com a Reforma Pereira Passos - e os costumes - presente na vida dos privilegiados. Enquanto isso, uma grande quantidade de pessoas que sobreviveram a condição da escravidão não contou com nenhuma política pública de inserção na sociedade brasileira e tiveram as suas culturas submetidas ao apagamento institucional.

Se é verdade que "narciso acha feio o que não é espelho", desde a Primeira República as nossas elites gostam de olhar para fora do Brasil para não refletir sobre o Brasil de dentro e de como exercitamos o "imperialismo interno" que de um lado apaga culturas e de outro explora a classe trabalhadora. Nestes termos, pensando em

nosso campo de atuação, as questões se multiplicam: Qual geografia fomos capazes de produzir a partir dessa recusa e exploração do Brasil? Até que ponto uma geração de geógrafos deve ceder a tradição que está sedimentada antes dele e que serviu de "terra firme" para ele começar a andar? E até que ponto é necessário "cavar" e, até mesmo, "implodir" o que está sob os seus pés, colocando as nossas próprias bases em questão? A proposição não é fácil, mas sabemos que é importante questionar o que está estabelecido. No entanto, esses questionamentos só fazem sentido se preservarmos as bases da estrutura na qual eles foram feitos. Onde "tudo é buraco" não existe mais buraco nenhum ao mesmo tempo que uma superfície lisa sem furos, arranhões, falhas, demandas ou qualquer coisa da espécie é uma estrutura monolítica. O certo é, quem veio antes quer manter algo, quem vem depois quer mudar algo. Talvez a tarefa mais difícil esteja na geração do meio, olhar o que recebeu e projetar alguma possibilidade de futuro.

E é nesse equilíbrio distante entre passado e futuro que essa publicação surge como uma provocação que clama por mudanças, mas, ao mesmo tempo, demonstra atenção ao que deve permanecer. Não renunciamos ao horizonte da **crítica** no meio de tanta **crise**, abrimos as mãos para receber novas formas do **geográfico** sobre as realidades pertinentes aos diversos contextos históricos.

Para cumprir essa tarefa, iniciamos a publicação com a apresentação da seção de poesias **Bala-laika**. A coluna apresenta o texto **Chapadas da Cidade** de Bruna Machado da Rocha, o texto evoca o medo como um afeto que atravessa nossas vidas em meio a velocidade do mundo contemporâneo e a necessidade de fazer escolhas sem poder sair do "lugar", os afetos representados foram muito aguçados no período da pandemia do vírus Sars-Cov-2. Na sequência temos dois poemas de Jefferson Oliveira de Paula, **Liberdade Inegociável e Racismo, aqui não!** Os dois textos trazem a força da ancestralidade negra que lutou e luta para conquistar e manter seus direitos frente ao racismo presente na estrutura do Estado (polícia) e nas práticas cotidianas. Por último, nessa seção, temos os textos **Por que a importância da Geografia no Ensino Médio?** e **O que estamos fazendo de nossas vidas?** de Átila de Menezes Lima. O

segundo texto é uma crônica que beira o cotidiano e faz uma crítica a automatização das nossas vidas pelo sistema capitalista onde nossa objetividade e subjetividade são burocratizadas e absorvidas pelo sistema. No primeiro, Átila de Menezes, nos brinda com uma prosa poética que precisa ser lida no ritmo de sua beleza para que possamos alcançar a riqueza da sua crítica.

Na seção **Artigos** começamos com o texto **Perspectivas da Extensão Universitária: a experiência do Projeto Bibliotecas Populares em Assentamentos Rurais do Rio de Janeiro** de autoria de Paulo Roberto Raposo Alentejano e Igor Mendonça Ribeiro dos Santos. O artigo demonstra a importância da relação teoria e ação (práxis), nestes termos, a concepção de extensão de Paulo Freire e o método investigativo desenvolvido por Orlando Falz Borda ganham relevo. A reflexão ganha importância na conjuntura atual, onde paira sobre a universidade a possibilidade de implementação de uma diretriz curricular nacional que pode restringir as ações extensionistas na escola básica. Na sequência temos o artigo **Ensino de Geografia: Estudando o Espaço Geográfico na Educação Básica** de Davi Laurentino da Silva onde o autor demonstra a relevância do ensino de geografia como uma possibilidade de leitura e interpretação crítica do mundo através da compreensão do espaço geográfico. O texto destaca que quanto melhor os alunos conseguem compreender, geograficamente, o contexto que vivem, melhor agem sobre ele. Em tempos de crise climática e ambiental, apresentamos o texto **Análise da Temperatura Superficial e uso e Cobertura do Solo do Município de São Gonçalo/RJ** que tem como autor Elias Rangel e Evandro Guimarães Rodrigues, o artigo faz uma relação entre a "temperatura superficial" e o "uso e a cobertura do solo" e para isso utiliza como ferramenta o "sensoriamento remoto". Tomar como objeto de análise o município de São Gonçalo e este é um dos méritos do texto que aponta para os problemas ambientais urbanos na cidade.

Para finalizar temos a seção **Relato de Experiência** em que damos o primeiro passo com o texto **Geografia e Literatura: heroínas negras na sala de aula** de Jessilyn Gomes da Silva e Raquel Safra da Silva Pardinho. A proposta se baseia em

uma sequência didática que apresenta e demonstra uma experiência em que o objetivo é afirmar a importância das mulheres negras na constituição da nossa identidade pessoal e coletiva e com isso revelar a possibilidade de interpretarmos as paisagens, os lugares e os territórios a partir desses referenciais. Dando continuidade, temos o relato **Mangueira Vestibular - MV: Análise/Avaliação da atividade: leitura da paisagem** de Marcos Antônio Campos Couto, Nahylson Rodrigues Brandão Marcelino, Leon Diniz Lima Junior e Paulo Roberto Raposo Alentejano. Na virada da década de 1990 para os anos 2000 os pré-vestibulares comunitários cumpriram uma função primordial na ampliação do acesso à universidade e na formação de professores que iniciaram suas carreiras nesse movimento social. O relato possui um caráter histórico e conceitual muito atual, uma vez que o trabalho de base comunitária precisa ser retomado e o debate entre os conceitos e o conteúdo da realidade é pertinente. O terceiro texto **Segurança Alimentar Abordada em Projetos Escolares Interdisciplinares** de Simone Rossi da Silva aponta para a relevância de práticas interdisciplinares realizadas nas séries iniciais. A proposição assume um tema de grande relevância, a segurança alimentar, que pode ser abordado por diversas áreas do conhecimento e, portanto, apresenta alguns desafios para ser trabalhado na escola. Apesar das dificuldades, os resultados são apresentados e nos fazem pensar sobre a diferença entre os atos de "comer" e se "alimentar" sob a égide do capital. O último texto, **Relato de pesquisa Acadêmico-Científico sobre Ensino de Geografia e Riscos e Desastres** proposto por Kelly Cristina Conceição Araujo aponta para a importância do diálogo institucional entre a universidade e outras instituições como a Defesa Civil. O valor dessa conversa interinstitucional junto a comunidades em risco pode ajudar a salvar vidas através da ampliação da compreensão de um fenômeno de ordem biológica/física, entre outros.

A publicação mantém o seu compromisso com a diversificação de temas, autores e propostas, para além das métricas que nos são impostas. Se a métrica nos alcançar será ótimo, mas nós não correremos atrás dela.

Sigamos!